PROCESSOS DO DESEMPENHO LINGUÍSTICO EM UM QUADRO SOCIOCULTURAL

Florival Seraine

1. INTRODUÇÃO

1.1. As maneiras como se processa o *desempenho* em um quadro sociocultural podem ser relacionadas a três tipos psicológicos de linguagem, que se consideram pelos modos de sua realização primigênia no aludido quadro. O primeiro, que antes de nós foi apresentado com a denominação de *linguagem transmitida* ou natural, (1) é o que recebemos com a cultura tradicional da sociedade a que nos incorporamos desde os primeiros anos de existência. Mediante o seu uso - dessa fala aprendida na primeira fase do processo de "endoculturação" - vamos reconstituindo os hábitos linguísticos do nosso grupo social e até mesmo do estrato social onde nos situamos. Esse tipo de linguagem inclui, evidentemente, a pronúncia, a gramática, e o vocabulário característicos do nosso nível de *norma sociolinguística*, na localidade ou região correspondente. Presume-se que, nessa ambiência ou contexto psico-social onde ocorre a transmissibilidade da língua e da cultura tradicionais da comunidade, as "regras gramaticais inatas", que consigo tragam os indivíduos, sejam aplicadas para elaborar as orações do seu *desempenho*, nem sempre já ouvidas anteriormente. Em termos chomskyanos, que aí sejam verificadas as "transformações" com que uma *estrutura profunda* se converte em superficial. Mas, dentro de nossos propósitos heurísticos, são elementos isolados da *fala* e não o sistema interiorizado de regras gramaticais, de "valor geral", que aqui centralizam as nossas atenções, pois além do seu poder de caracterização geográfica, refletem - segundo já se indicou - a *norma* do nível sociocultural respectivo. Interessa-nos, pois, sobremaneira, aquilo a que denominamos de "marca geo-sociocultural", que para ser captada, não necessita de levar-nos ao plano das estruturas, quer profundas, quer superficial. Entretanto, referida "marca" apresentará variações no grau da peculiarização revelada. (Observe-se aqui que essa variação deverá ser apreciada, quer diatópica, quer diastraticamente, ou de modo simultâneo, em ambos os sentidos). Um cearense que, na infância (e tantas vezes pelo resto da vida) pronuncie *xírka* (xícara), *vrídu* (vidro), *prógũtá* (perguntar), *muyé* (mulher), *pulisa* (polícia), *itõsi* (então), *nóys vay* (nós vamos), *vôsêys ké* (vocês querem), está indicando, ao falar, que estas foram as vozes a ele transmitidas pelos indivíduos incultos ou plebeus que constituem o seu ambiente familiar e social. Se, porém, determinada criança, pronuncia *xícra, vídru, pèrgũtá, mulhé, pulísia, itãw* ou *ẽtãw, nóys vãmu, vôsêys kèri* é porque aprendeu dos seus familiares a falar segundo a norma culta local.

Não há possibilidade de ocorrer o contrário, embora as duas pronúncias sejam correntes na região e possam ser ouvidas dentro, às vezes, de um mesmo domicílio, respectivamente, de serviçais analfabetos e patrões cultos. Pela escolaridade, a influência ativa e constante de outros *níveis de fala* ou *normas sociolingüísticas,* o falante/ouvinte poderá modificar esse tipo original de linguagem, substituindo elementos seus, característicos, por outros da *linguagem adquirida* conscientemente. Esta, não obstante, com a continuidade do seu uso,poderá tornar-se linguagem automatizada. Nesse segundo tipo, ao contrário do que sucede em relação ao outro, "a reflexão e a vontade desempanham o principal papel" (2).

1.2 Parece-nos, no que concerne aos processos do desempenho, cabível discernir um terceiro tipo de linguagem, que resulta da tomada direta de contacto com a realidade vital, achando-se sujeita a "juízos de valor" teleológicos e a influências "afetivas". Alvitramos para ela a denominação de *linguagem construída*, pois revela todos os indícios da atividade criadora. Também esse novo tipo de comunicação oral poderá, com o uso reiterado e a aceitação coletiva, tornar-se automatizado.

1.3 Vê-se, pois, que não nos preocupamos aqui em descer ao plano da *competência*, apesar de não ignorarmos as várias tentativas que vêm sendo feitas para transferir esse conceito ao nível da comunidade linguística e fazer dele uma propriedade do corpo social, tentativas essas, que - é preciso notar - para alguns contêm graves perigos epistemológicos e, para outros, irão acarretar nocivas complicações metodológicas, no plano da investigação.(3)

Volvidos para problemas funcionais da linguagem em relação precípua com a atividade bio-psico-social do homem configurada pela cultura, para as diferenças internas, mais ou menos profundas, que se verificam na "técnica sincrônica do discurso dentro de uma língua histórica"; escapam ao nosso interesse atual - como antes se afirmou - quaisquer estruturas subjacentes à fala. Mesmo, a estrutura da língua, em sentido genérico, que - segundo bem distingue E. Coseriu - só pode observar-se "dentro de uma técnica do discurso totalmente *unitária*, onde se podem determinar as "oposições" (4). Em suma, pertencemos ao número daqueles que - para usar as expressões de Dell Hymes - consideram a fala como "atividade culturalmente padronizada" e não mera "*implementation of grammar*", e as linguagens como "resultado do seu próprio uso e não simples dados da natureza humana" (5).

2. O QUADRO SOCIOCULTURAL

Desde logo, o binômio *folk/urbano* concentra as nossas atenções, baseando-se o autor - na esteira de alguns estudiosos - em que os conceitos de R. Redfield, a propósito, são aplicáveis tanto à cultura como à linguagem. A complementaridade das duas subculturas - a rural e a citadina - e asimila-

ridade de traços distintivos, reconhecidos em todo mundo nas comunidades *folk*, tipificando-as por assim dizer, são conceituações que devem estar presentes ao nosso espírito, em face das ocorrências lingüísticas que iremos assinalar. Particularizemos o problema ao âmbito lingüístico-cultural que será o nosso campo de observações. Dois fatores de ordem sociológica devem ser invocados no ensejo: o antigo e constante exôdo das populações rurais para o meio urbano, de modo particular a Capital do Estado, e a relativamente fácil mobilidade social, no sentido vertical, dentro da própria urbe.

2.2 No tocante ao português do Brasil já se podem apontar algumas áreas linguísticas passíveis de caracterização dialetológica. Uma delas é a *nordestina*, dentro de que se inclui o falar e algum subfalar cearenses, designações estas que conservamos por já serem consagradas em Dialetologia, quando a perspectiva é meramente diatópica.

Era natural que o Estado do Ceará fosse a nossa região de escolha, pois é aí que vivemos desde a infância, dispondo hoje de vultosa experiência e algum conhecimento científico no tocante à fala e à vida sociocultural dos habitantes, não só da Capital, mas ainda dos principais núcleos rurais. Dentro de nosso plano de estudo, em que ressalta o enfoque diastrático, parece-nos bastar, por enquanto, dar ênfase, no plano sincrônico atual, ao reconhecimento *regional* de duas principais *normas sociolingüísticas*: a *culta*, registável nas mais importantes cidades e na Capital, especialmente na chamada *elite* urbana, a qual, contudo, nem sempre coincide com a norma culta *nacional* e com a norma *preceptiva*; e a *inculta*, que se revela destacadamente nos meios rurais (povoados e *fazendas* do interior), mas que se encontra também nos estratos sociais inferiores da própria Capital, em sujeitos com ou sem ligação ao campo; de qualquer sorte, com deficiente ou nula escolaridade. Destarte, passemos ao largo de problemas atinentes a possíveis *níveis intermediários* (*semifolk* ou *semiculto*) entre esses dois níveis predominantes de fala, problemas esses, que se poderão comparar com análogos problemas no terreno antropológico-cultural. Acentuaremos, porém, quando se tratar de *falas formal* ou *informal*, *coloquial descuidada*, ou referente a situações marcadas pela "afetividade".

3. NO CAMPO DA INVESTIGAÇÃO

3.1 Iniciamos pela *linguagem transmitida* observada no domínio da *norma rural inculta*. Do ponto-de-vista sincrônico, face à *norma culta atual* deparamos com uma linguagem eivada de *arcaismos*, que chegaram à nossa época íntegros ou com modificações de pequeno vulto, tanto formais como semânticas. Essa fala, bastante diversa da *fala culta citadina*, foi conservada na hinterlândia, não só do Ceará, mas de outras zonas brasileiras, devido ao isolamento em que permaneceram longo tempo os rurícolas, sem tomar conhecimento, através da educação intelectual e dos contactos sociais

externos, das modificações que o idioma português fora recebendo, através dos séculos, nos meios cultos. A escassa ou nenhuma escolaridade, ainda registável em indivíduos de condições cultural e socio-econômica inferiores, mantém esse aspecto obsoleto da fala rural, que se manifesta em todos os setores do interesse dialetológico: fônico, gramatical e léxico-semântico. A importância dos arcaismos na formação da linguagem popular brasileira é de tal porte, que um seu estudiosos não hesitou em encará-la como - "*um substrato* constituido pela língua arcaica, estabelecido por grande contingente de portugueses vindos de várias regiões de Portugal, indistintamente, com predomínio talvez dos do Norte, e um *superestrato*, constituido por alteração desse fundo português, determinado pelo grande número de silvícolas e africanos que entraram a falar a língua românica". Acrescente ainda esse autor que é fácil verificar, quanto à estrutura da língua, ter sido a força do *substrato* maior do que a do *superestrato* (6). Embora nessa arrojada e sumária determinação do problema, o conceito de *substrato* não se ajuste ao divulgado geralmente em Dialetologia, pois os invasores aqui foram os lusitanos e não os indígenas, consideramos essas idéias, no cojunto, reveladoras de conhecimento da matéria, sob a perspectiva diacrônica. Há diversos estudos e observações, dignos de ressalto, acerca dessa conservação da linguagem quinhentista no português falado do Brasil, a qual é cotejada com textos lusos dos séculos XV, XVI e XVII. Não nos deteremos a propósito do tema. Apenas observamos que, enquanto os *arcaismos*, de modo geral, não são registáveis na fala da elite urbana no que concerne a fatos fônicos e mesmo léxico-semânticos, permanecem na linguagem corrente ou informal, mesmo culta, alguns fatos gramaticais desterrados da escrita e mesmo da fala culta esmerada ou dos discursos acadêmicos. Não desconhece o indivíduo que está falando "errado", no conceito dos gramáticos normativos e didáticos, mas continua a usar os mesmos tipos de construção, em sua fala coloquial diária. O falante medianamente culto das cidades nunca dirá *frúita* (fruta), *itõsi* (então), *lũa* (lua), *trabayá* (trabalhar), *prãtá* (plantar), *dimudádu* (mudado), *inxarópi* (xarope), *kôsi* (couce), 'retarguarda, parte traseira'; *nasãw* (nação) 'casta, espécie', genéricamente; *òbrigasãw* (obrigação) 'família, familiares', etc.; no entanto emprega normalmente as construções: *Eu vi ele* (Eu o vi), *Vi ele dizê* (Vi-o dizer); *ir na cidade* (ir à cidade), etc.

3.2 Sobre a *linguagem adquirida* temos a registrar a importância dos estudos que se devem efetuar, atualmente, nos domínios da *Sociolingüística dinâmica* e da *Sociolingüística aplicada*, com miras ao que se convencionou denominar *política lingüística*, que trata, entre outros, de problemas pedagógicos, com a busca do ajustamento lingüístico-cultural adequado nos processos educativos, a ser aplicados aos habitantes das regiões pouco desenvolvidas ou do chamado Terceiro Mundo. A *sociologia dinâmica da linguagem*, nas expressões de J.A. Fishman, tenta, ao lado de outros

objetivos, "explicar porque e como a organização social da língua e do comportamento em relação à língua tornam-se seletivamente diferentes nos mesmos campos sociais ou comunidades em ocasiões diferentes " (7).

No caso regional de que nos ocupamos, o terreno se acha aberto à investigação, dados o incremento e a maior persistência, observados, desde alguns decênios, das várias formas de comunicação oral com o exterior, seja pelos contactos humanos diretos, seja por meios indiretos, como o rádio, a televisão, etc., bastante diverso do que antes vinha ocorrendo. Bem assim, deve levar-se em conta o melhoramento do nível educativo, especialmente em relação ao povo das cidades, mas ainda em núcleos populacionais menos evoluidos. Compreende-se, pois, que a *norma preceptiva* e as *normas* de Capitais como o Rio de Janeiro, que conserva o seu prestigio elocutivo de sedutora ex-metrópole nacional, possam exercer mudanças na fala típica estadual, em determinados grupos ou estratos sociais. Métodos estatísticos, convenientemente distribuidos, podem ser empregados aqui, em busca da precisão e objetividade na verificação, definição e avaliação sociolingüísticas de variações de fala, dentro da comunidade. O tipo de linguagem adquirida conscientemente será o objeto central da investigação, que deverá alcançar, além do gramatical, os planos fônico e léxico-semântico.

3.3 O terceiro tipo de linguagem a ser examinado talvez seja o que mais desperta o nosso interesse, pois nos revela o ser humano não apenas como "criatura", mas também como "criador", que, sendo dotado da capacidade de discernir e distinguir, apresenta-se como agente e não simples ente passivo. Dentro das possibilidades do seu *sistema*, no sentido de Coseriu, logra ele, assim, desenvolver e ampliar, através da fala, o mundo das formas e dos significados, produzindo as chamadas *inovações linguísticas*. Mas - e é o que desejamos ressaltar - suas realizações dessa espécie são, por vezes, elaboradas com elementos formais e fatores de atuação semântica imprevisíveis. Trata-se, em geral, de realizações "expressivas", não aprendidas ou transmitidas antes da sua criação original, e surgem especialmente na linguagem popular, coloquial, onde se manifesta com intensidade maior a atividade linguistica espontânea. Por outro lado, diferenciam-se de qualquer forma de *empréstimo*, quer *extra-*, quer *intradiassistemático*.

O importante também a acentuar é que - sem termos para isso necessidade de buscar o plano das estruturas idiomáticas, a exemplo de etnolinguistas de descendência Whorfiana - podemos surpreender, através de "construções" surgidas na fala coloquial, traços distintivos da "imagem do mundo" que orienta o indivíduo em suas elaborações psicolinguísticas. Os *símiles* ou *comparações* que, sem dúvida, ocorrem com maior frequência na fala rural do que na urbana, particularmente a da *elite*, o próprio integrante dos niveis semiculto ou inculto da cidade usa substituir por locuções adverbiais, não raro, de intensidade. Em seu lugar também se obser

va, em todos os níveis socioculturais urbanos, preferência pelo emprego de orações, não raro, exclamativas, com que se buscam idênticos valores expressivos. Nossas conclusões, a respeito, são que o rurícola, analfabeto, que nunca viajou nem entrou em contacto com os elementos da cultura intelectual, isto é, sem haver alcançado o plano da "educação", de onde procede outra "imagem cósmica", vive, de forma predominante, em um "mundo necessariamente limitado, reduzido a um ambiente sensitivo - espacial, com suas relações concreto - individuais" - como antigamente sintetizou Karl Jaspers (8). Vive, ele, em grau apreciável, no âmbito psicológico do que diretamente experimenta, quiado por este em suas estimações e atuações comuns, e, destarte, não seria possível que o mesmo não se refletisse em seus procedimentos lingüísticos, nas criações da sua linguagem em funcionamento. Um dos critérios adotados para diferenciar uma língua-padrão, considerada como correlato principal de uma cultura urbana, é o de suas *propriedades intrínsecas*, entre as quais - de acordo com B.Havránek - se aponta a *intelectualização* (9). Confrontando uma série de *comparações*, recolhidas da fala rural, com os modos expressivos equivalentes na fala citadina, concluimos que nesta ocorre maior grau de abstração e generalidade, e que os *símiles* - como já se indicou - são bem menos freqüentes no *desempenho* urbano. Citemos apenas um exemplo esclarecedor entre dezenas: "*Sujeito valente que nem obra de resguardo*" (valente como cobra depois do parto), da fala rural, corresponde na fala coloquial urbana a: "*Sujeito valente pra xuxu, valente pra burro, valente pra caralho, valente pra mandá pros diabo, valente como o diabo, valente como todos, valente como gente grande*", etc. Ou então: "*Sujeito danado de Valente!, Sujeito valente danado!, Vá sê valente assim no inferno! Tenho visto pouca gente valente como esse sujeito!, Isso é que é sê valente! Em valentia ele é o máximo!* etc. Na apresentação das metáforas refletem-se também maneiras próprias de perceber e representar a realidade, e valores culturais peculiares, algumas delas já estudadas por nós em trabalho anterior (10).

3.3 Nos casos que traremos à baila, este tipo de *linguagem construida*, visto por nós especialmente na órbita da formação de palavras e das realizações semânticas não poderá deixar de ser apreciado, como, aliás, no tocante aos outros tipos, sobretudo, do ângulo do seu momento originário, dos modos da sua realização primogênia, no quadro sociocultural. Nessa espécie de gíria, circulante em cidades como Fortaleza, a que, *grosso modo*, intitulamos *linguagem das ruas*, para diferençar da linguagem reservada de certos grupos sociais ou profissionais; nessa espécie de gíria citadina, de que, aliás, costumam utilizar-se elementos de todos os níveis socioculturais, encontramos exemplos curiosos dessa forma de atividade lingüística. Citamos: *contaminações* ou *cruzamentos*, como o lexical *chafé* (café fraco parecendo chá), mescla de duas palavras para formar novo termo, em cuja

significação o falante, num clima de peculiar "afetividade", introduz idéia conexa, provinda de um dos elementos combinados, associando-a ao sentido principal. Infração ao ideal da *linearidade* e da *monossemia*, mas com notável efeito "expressivo". Seguem-se: combinação por prefixação de origem onomatopeica (*sipitrago*), em que ao sentido do radical são acrescentadas as idéias de jacto único, rapidez, impetuosidade; sufixações de outras linguas em radicais portugueses ou integrantes do português do Brasil, que nada acrescentam à acepção da palavra primitiva, ou não correspondem aos significados que possuem nos idiomas de origem, mas que atuam intensificando a "expressividade" (suf. francesa *ette* no vocábulo português *fosco*, usado aqui metaforicamente, em *fusquéte*; suf. tupi *tinga* nas formações de sentido torpe *baitinga* e *chupitinga*; abreviações, formas regressivas, síncopes (*bosteira=boseira*), com intenção eufêmica ou outro matiz "afetivo"; acentuação aguda na desinência (*o*) de vocábulos, com transposição de uma categoria gramatical em outra e acréscimo das idéias de mutilação, falta, perda física (*bicó=rabicó; cotó*). Singulares efeitos da *analogia*, da *etimologia popular*, surgem aqui e ali, na conversavão familiar e popular. O que não devemos esquecer, todavia, é que, independente das associações implícitas de ordem imaginativa, pelo significado (*figuras, hipóstasis*), ou ligadas a elas - e retornamos aqui às velhas concepções de Bally - se registram associações implícitas de natureza sensorial, pelo significante, fatos esses, do interesse da chamada "fonologia expressiva". A circulação no colóquio informal cearense de expressões como *escalafobético, espilicute, manimolência, estrovenga, bafafá;* de tantos "procedimentos rítmicos", como repetições de fonemas, sílabas ou vocábulos (*tá longe longe, vô já já*) justificam a nossa assertiva. O limitado espaço concedido a esta colaboração não nos permite estender sobre estes fatos e outros, em que interfere a atividade psíquica do locutor, como no caso da locução de *bochecha*, em cuja gênese parecem achar-se associadas as "representações" de um gesto e de atos com sentido análogo, os quais podem ter ocorrido simultaneamente em determinadas circunstâncias de fala.

3.4 Por último, acentuaremos, dada a sua importância em Sociolingüística dinâmica, as investigações, que devem ser efetuadas, por exemplo, em Fortaleza, Capital com perto de 1.300.000 habitantes, onde os citadinos acusam marcas de "ruralidade" em sua fala normal, inclusive os cultos, e até aqueles que não apresentam quaisquer vínculos, reais ou ideais (de valores) com o ambiente rural, e já as manifestam através de uma linguagem transmitida em sua própria comunidade. O objetivo primordial será, obviamente, a verificação e o exame científicos, empregando métodos quantitativos e estatísticos, quando necessários, no tocante à persistência ou à substituição gradativa dessas marcas, em grupos sociais devidamente sele-

cionados, face à crescente industrialização e urbanização, verificadas nessa Capital, desde alguns anos. É o caso da expressão *bonito* aplicada ao tempo atmosférico, que adquire sentidos opostos, de acordo com interesses vitais diferentes dos locutores *folk* e urbano. Nossas observações, a propósito, coincidem essencialmente com as referidas por um J.B. Carroll, ao por em confronto uma comunidade universitária americana e índios hopi, habitantes de uma região, como o Ceará, onde a *chuva* é escassa, porém, essencial (11). Embora não desconheçamos que as técnicas de *associação livre* e *diferencial semântica*, aplicadas em culturas diversas, revelaram os mesmos fatores principais - "um espaço semântico onde as posições dos conceitos não variam" - consideramos que maior significação se deva emprestar ao estudo dessas *valorações* e *juízos de valor* na gênese da expressividade lingüística, em relação com os contextos socioculturais.

3.5 - Quanto à metodologia do trabalho sociolingüístico, ressalta-se - como se observou - a importância da *comparação* e a *estatística*, sem esquecer, oportunamente, o recurso a métodos quantitativos, à própria computação eletrônica. Quanto à coleta de dados, preconiza-se a "amostragem", com "seleção intencionada" dos integrantes dos grupos, dentro da comunidade, segundo critérios específicos para cada caso. Na utilização das conversações, entrevistas e questionários de praxe não prescinde o A. de frisar o significado heurístico, não só das *variedades* lingüísticas, como também das *variáveis*, e de considerar, ainda, os juízos subjetivos dos falantes.

4. CONCLUSÕES

4.1 São as seguintes as conclusões: a) que se busquem reconhecer como objetos-temas, no lano empírico do trabalho científico, os três tipos mencionados de linguagem, nos diferentes níveis de *normas*, observando-se e analisando-se os seus contactos ou interrelações no contexto lingüístico, o seu ajustamento funcional na cadeia regular do discurso, em um quadro sociocultural. Utilisar-se-ão, para isso, métodos apropriados, quer no plano sincrônico (da vigência atual), quer intentando, quando se julgar necessário, colocar as metas do estudo em uma perspectiva histórica (Fishman) (12). De qualquer modo, destacando-se aí a necessidade de uma projeção psicológica - no sentido de examinar os aspectos da automatização e desautomatização - automatização das normas, no que concerne ao desempenho lingüístico; b) projeção desse enfoque aos domínios da Sociolingüística aplicada.

REFERÊNCIAS

1) Henry, V. - ANTINOMIES LIGUISTIQUES - Ap. EL LENGUAJE Y LA VIDA - Losada - Buenos Aires, 1941 - pp. 165 e seg. (trad. de Amado Alonso)
2) Bally, C - Op cit. - p. 165.
3) Marcellesi, J.B. e Gardin, B. - INTRODUCTION A LA SOCIOLINGUISTIQUE - Larousse - Paris, 1974 - passim. V. os conceitos sobre "individuação lingüística dos grupos sociais e o método contrastivo".
4) Coseriu, E. - PRINCÍPIOS DE SEMÂNTICA ESTRUCTURAL - *Gredos* - Madrid, 1977 - pp. 118 e segs, (V. os conceitos de "arquitetura" e "estrutura" da língua).
5) Hymes, Dell - THE SCOPE OF SOCIOLINGUISTICS - In "Sociolinguistics: Current Trends and Prospects" - *Georgetown University* - Washington, 1973 - pp. 324 e segs. V. as conclusões bastante lúcidas de Gudula List - INTRODUCCION A LA PSICOLINGUISTICA - Gredos - Madrid, 1977 - pp. 154 - 155 (trad.)
6) Melo, G.C. de - A LÍNGUA DO BRASIL - *Agir* - Rio, 1946, PP. 73-74.
7) Fishman, J.A. - A SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM - In "Sociolingüística" - *Eldorado* - Rio, 1974 - p. 27 (trad.)
8) Jaspers, K. - PSICOLOGIA DE LAS CONCEPCIONES DEL MUNDO - *Gredos* - Madrid, 1967 - pp. 198 e seg. (trad.)
9) Havránek, B - THE FUNCTIONAL DIFFERENTIATION OF THE STANDARD LANGUAGE - In "A Prague School Reader on Esthetics, Literary, Structure, and Style" - Washington Linguistic Club - Washington, 1955 - pp. 1-18 (trad. de P. Garvin).
10) Seraine, F. - ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO LINGUÍSTICA - *Secretaria Municipal de Ed. e Cultural.* - Fortaleza, 1954.
11) Carroll, J.B. - LANGUAGE AND THOUGHT - *Prentice-Hall* - New Jersey, 1964 (V. Cap. "Linguagem e Cognição).
12) Fishman, J.A. - THE HISTORICAL DIMENSION IN THE SOCIOLOGY OF LANGUAGE - In "*Sociolinguistics: Currents Trends and Prospects*" cit. - pp. 145-155.